

DANIEL COURI

MAMMA MIA!



© 2011 Daniel Couri

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Estagiária
Leika Regina Inoue

Projeto gráfico
Alex Yamaki

Ilustração de capa
Eduardo Schaal

Diagramação
Olivia Pezzin – Estúdio Mondo
Bruno Melnic – Estúdio Mondo

Colaboração
Edison Veiga

Preparação
Beatriz de Freitas Moreira

Revisão
Telma Baeza Gonçalves Dias
Juliana de Araujo Rodrigues

Impressão
Corprint

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Couri, Daniel
Mamma Mia! / Daniel Couri. – 1.ed. – São Paulo: Panda Books, 2011. 288 pp.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-7888-151-1

1. ABBA (Conjunto musical). 2. Músicos de rock – Suécia – Biografia. I. Título.

11-4015

CDD: 927.824166
CDU: 929.78.067.26

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Para meus queridos pais,
Kilza e Silvério.

Para Sandro Bier, pelo
inestimável pontapé inicial.

.....

Agradecimentos

Este livro não teria sido possível sem a atenção, o apoio, o desprendimento e a ajuda de:

Adauto Lacerda, Carl Magnus Palm, Carlos Nunes, Carlos Nezu, Claudio Botelho, Claudio Milan, Fabian Chacur, Felipe Brito Gouveia, Helga van de Kar, Ian Cole, José Venâncio de Resende, Klaus Will, Leônio Rodrigues da Costa, Lex Corbach, Manoel Décio Estigarribia, Minna Mikkola, Priscila Fernandes Costa, Regina Grafunder, Rodrigo Faour, Ron Steens, Roxanne Dickson, Ruth Helena Bandeira de Miranda, Sandro Bier, Sylvio Caramaschi, Thomas Johansson, Torkel Hellberg e Trent Nickson.

Obrigado também a todos que participam de comunidades sobre o ABBA na internet e que colaboraram de alguma forma com informações, sugestões e material.

Muitíssimo obrigado a todos vocês que cederam gentilmente as fotos de seu acervo pessoal para enriquecer este livro:

Bonnie Rietveld (Holanda), Edit Tóth (Hungria), Frank Seidenspinner (Alemanha), Regina Grafunder (Alemanha), Ron Steens (Aruba).

E por último, não poderia deixar de agradecer a Agnetha, Benny, Björn e Frida, pela inspiração e pelos inúmeros momentos de felicidade proporcionados por suas canções.

•• Sumário ••

Introdução: <i>Mamma mia!</i> , aqui vou eu de novo.....	8
1 <i>Mamma mia!</i>	11
2 Suécia, o berço do ABBA.....	25
3 Início dos anos 1970: A vida não é um cabaré.....	45
4 Novas tentativas.....	52
5 A + B + B + A.....	57
6 A derrota que trouxe a vitória.....	61
7 Mandando um <i>S.O.S.</i>	68
8 Turbulências.....	73
9 1976.....	78
10 ABBAmania na Austrália.....	83
11 A chegada do sucesso.....	86
12 “We want ABBA!”.....	90
13 O homem que veio de longe.....	94
14 Vida de marionete.....	99
15 A febre da disco music.....	105
16 Uniões e separações.....	110
17 Voando alto.....	118
18 Bem-vindos aos anos 1980.....	126
19 Simples visitantes?.....	133
20 Novos caminhos.....	140
21 O ABBA volta às paradas.....	146
22 ABBAWorld e Rock and Roll Hall of Fame.....	157
23 A moda segundo o ABBA.....	162

24	<i>Money, money, money</i>	167
25	Precusores da MTV.....	176
26	No Brasil.....	183
27	Depois do ABBA.....	193
Apêndice		
	Como nasceram as canções de <i>Mamma mia!</i>	215
	Discografia selecionada.....	242
	Referências bibliográficas.....	275

Introdução

Mamma mia!, aqui vou eu de novo

A letra da canção que dá título ao livro já diz tudo. Quando, cinco anos atrás, escrevi a biografia do ABBA – a primeira e única em português –, pensei que tivesse esgotado o assunto. Enganei-me. O fenômeno ABBA tem crescido cada vez mais, graças ao estrondoso sucesso do musical inglês *Mamma mia!*, em cartaz em Londres desde 1999, e na Broadway desde 2001. O que nasceu como um tributo com prazo de validade acabou se tornando um dos mais lucrativos e bem recebidos espetáculos musicais do *showbiz*.

Mamma mia! tornou-se uma marca, uma franquia de sucesso. A peça rodou mais de trinta países – entre eles o Brasil. Críticos chegam a apontá-la como o “musical número 1 do mundo”. Desde sua *première* londrina, já foi vista por mais de 42 milhões de pessoas, arrecadando 2 bilhões de dólares em mais de 240 cidades de dezenas de países. Em 2008, ganhou as telas de cinema, em filme estrelado por Meryl Streep.

No Brasil, o ABBA é conhecido desde 1976. Era o auge do sucesso da canção *Fernando*. Entretanto, até o final dos anos 1970, fãs brasileiros sofriam para encontrar informações sobre a banda: tudo o que chegava por aqui, além dos LPs, eram informações precárias em revistas. A partir da década de 1980, a imprensa passou a dedicar mais espaço ao grupo – mesmo com o fim do ABBA, a legião de fãs continuou sedenta por informações.

Nosso país jamais recebeu shows do grupo. De acordo com o jornalista sueco Carl Magnus Palm, autor de inúmeros livros sobre o ABBA, eles “chegaram a falar de uma turnê na América do Sul, que provavelmente aconteceria no primeiro semestre de 1980, mas isso nunca aconteceu. Também não foi divulgado se o Brasil estava incluído e nem quais países seriam visitados”.

Vinda da distante e fria Suécia, a banda dominou paradas de sucesso ao redor do mundo entre 1973 e 1983. Nesses dez anos, firmou-se como uma das maiores da música pop mundial, com mais de 370 milhões de discos vendidos. A popularidade de suas canções sobreviveu ao fim do grupo. O maior evento musical de 1992 e 1993 foi o renascimento do ABBA, com o álbum “ABBA Gold – Greatest Hits”, que rapidamente alcançou o topo das paradas britânicas e até hoje continua sendo a maior propaganda do quarteto. O ABBA ainda figura em qualquer lista dos dez mais do pop rock, ao lado de Beatles, Rolling Stones, Elvis Presley e Queen.

Ninguém sabe a fórmula mágica do fenômeno. A verdade é que o grupo criou um estilo próprio, com músicas envolventes e harmônicas, cujos maiores exemplos são os hits *Dancing queen*, *Fernando*, *Chiquitita*, *The winner takes it all* e *Knowing me, knowing you*. Canções simples, acima de tudo. Com refrões envolventes, inteligentes e atraentes, que facilmente se tornavam familiares. Com o *glamour* das duas mulheres. Com a alta qualidade dos videoclipes. Esses ingredientes resultaram em nove compactos e nove álbuns em primeiro lugar nas paradas – mais que qualquer outro artista, exceto os Beatles.

Ícone dos anos 1970, o ABBA conseguiu a façanha de voltar ao topo, e de forma definitiva, a partir da década de 1990 – isso sem que eles tenham tido a menor intenção de se juntar novamente como grupo musical. “O resumo da cafonice dos anos 1970”, como

dizem alguns críticos, foi execrado nos anos 1980. Mas voltou ao topo com os 28 milhões de cópias vendidas do “ABBA Gold” e o sucesso do musical *Mamma mia!*. Entre os fãs assumidos, famosos como Bono Vox, Madonna, Elvis Costello, Pete Townshend, Chris Isaak e Kurt Cobain (morto em 1994).

A história do ABBA é tão fascinante e curiosa quanto a de outras bandas mundialmente conhecidas. Mas sua saga não tem escândalos envolvendo drogas, falcatriuas, brigas internas ou crimes. Mesmo assim, não faltam elementos interessantes: paternidade na adolescência, nascimento de uma criança “ilegítima” à sombra da Segunda Guerra, luta para vencer as barreiras geográficas e culturais de um país fechado como a Suécia, recorde de vendas de discos, histeria dos fãs, negócios desastrosos, reaparecimento de um pai dado como morto, paixões repentinas, casamentos aparentemente perfeitos, divórcios dolorosos, fama e riqueza.

Em meio a essas histórias, há, evidentemente, o aspecto musical. Isso fez do ABBA o segundo maior exportador da Suécia – superado apenas pela indústria automobilística Volvo – e um grupo venerado por fãs do mundo todo.

Este livro foi inteiramente escrito em português para o público brasileiro, não se limitando apenas à história do ABBA, mas também desvendando a obscuridade da cultura sueca. Afinal, vamos entender o mais popular produto cultural contemporâneo daquele país: o ABBA.

Mamma mia!

“Imaginei um pequeno show em um teatro menor, com capacidade para oitocentas pessoas, ou mil, algo assim”, lembra Björn, sobre o início do musical *Mamma mia!*. “Ainda procurávamos por teatros pequenos quando Cameron Mackintosh, que sabia o que estávamos fazendo, telefonou. E, na verdade, todos nós fomos ao Prince Edward. Mark Thompson, o desenhista, Phyllida Lloyd, a diretora, Judy e eu, só para termos uma ideia. Mark ficou tão empolgado que disse: ‘Sim, eu posso fazê-lo. Posso dar intimidade a ele’. Todos nós nos apaixonamos. Foi assim que aconteceu, assim fomos parar no Prince Edward, cuja capacidade, eu acho, é de 1.650 pessoas. O que eu faço é aparecer em algumas noites de estreia aqui e ali, e em algumas pré-estreias. É muito bom. Mas, é claro, a parte da seleção final do elenco é muito divertida.”

Teatro menor? Oitocentas pessoas? Björn certamente não fazia ideia do retumbante êxito que estava por vir. Tanto quem viveu o apogeu do ABBA, três décadas atrás, como quem se tornou fã recentemente sabe que o musical *Mamma mia!* é o maior sucesso da fase pós-ABBA. Composto de 22 canções do grupo, o espetáculo foi produzido pela inglesa Judy Craymer e conta a história de Sophie, que mora com a mãe em uma pequena ilha de veraneio na Grécia. A jovem precisa descobrir, às vésperas de seu casamento, quem é seu verdadeiro pai. Os “suspeitos” são três namorados que

a mãe tivera vinte anos antes. Para isso, Sophie traz para a ilha os três homens e arma planos e artimanhas para saber qual deles entrará com ela na igreja.

Toda a história é contada por meio das músicas do ABBA, que juntas formam a trama da peça. Catherine Johnson é a autora do roteiro, e Phyllida Lloyd, a diretora. A equipe, além do elenco, conta ainda com Anthony Van Laast (coreógrafo), Mark Thompson (*designer* de produção), Howard Harrison (*designer* de iluminação), Bobby Aitken e Andrew Bruce (som) e Martin Koch (supervisor musical e diretor dos arranjos). O espetáculo estreou em Londres, no Prince Edward Theatre, em 6 de abril de 1999, exatamente 25 anos depois da vitória do ABBA no festival Eurovision Song Contest. Ganhou o mundo, e nunca mais parou.

Björn não foi o único que se surpreendeu com o alcance do projeto. Na verdade, por mais que a equipe de produção e criação estivesse otimista, ninguém imaginou que o musical fosse ganhar proporções mundiais. As “dínamos” (como são chamadas as três amigas da peça) – vividas por Judy Craymer, Catherine Johnson e Phyllida Lloyd – se tornaram o primeiro trio feminino a conseguir tamanha fama com uma produção teatral.

A vida de Judy, aliás, mudou com o musical. Em 1982, aos 23 anos, ela estava trabalhando em Londres com Tim Rice no espetáculo *Chess*. Foi quando conheceu Benny e Björn, do ABBA, na época compondo as músicas de *Chess*. Embora não fosse exatamente uma fã do grupo – Led Zeppelin, T. Rex e punk eram mais a sua praia –, ela lançou o palpite de que as canções do ABBA dariam certo em um musical. O único problema era convencer Benny e Björn – sempre muito restritivos – a permitirem que suas canções fossem utilizadas.

“Se eu não os tivesse conhecido e construído aquela relação com eles, minha ideia nunca teria sido levada a sério”, acredita Judy. Ela já tinha a espinha dorsal da trama: duas gerações de pessoas, uma festa, um casamento. Mas precisava de alguém que juntasse tudo e escrevesse uma peça com esses elementos. Aí é que entra Catherine Johnson.

“Eu estava trabalhando com um diretor e escritor chamado Terry Johnson e perguntei se ele estaria interessado em escrever a peça”, relembra Judy. “A resposta foi ‘não’. Hoje ele se arrepende amargamente.” Ela prossegue: “Mas ele me sugeriu Catherine e então nós duas tivemos um longo encontro, em que conversamos e comemos sanduíches feito loucas. Quando estávamos de saída, ela perguntou: ‘Você pensou em uma mãe e uma filha?’, e eu respondi: ‘Oh, fantástico!’. Nós nos sentamos novamente e comemos mais sanduíches!”

Isso aconteceu em 1997. Até aquele momento, o plano era conseguir a autorização de Björn e Benny para a utilização das músicas. “Nunca havíamos nos encontrado quando ela me ligou”, conta Catherine. “Ela tinha aquele tipo de voz bem baixa e rouca. Pensei que tivesse uns noventa anos e fosse uma daquelas damas do teatro afetadas, cheias de penduricalhos, e provavelmente meio amalucada.”

No final das contas, Catherine se rendeu: “Tínhamos a mesma idade, ela era muito divertida e animada, e em algum momento da conversa houve um ‘clique’. Senti que podíamos ser muito amigas mesmo que não nos tornássemos colegas de trabalho”. Elas acabaram se tornando colegas de trabalho perfeitas.

Tanto Catherine como Judy concordaram que a história deveria se passar em um cenário idílico – uma ilha –, embora Catherine nunca tivesse conhecido a Grécia, nem qualquer outra ilha de outro

país. “Essa foi a parte engraçada”, lembra Catherine. “Nunca havia ido à Grécia, então quando comecei a escrever o roteiro tinha em mente que o cenário precisava ser algum lugar mágico, afastado, e não urbano, mas eu não sabia onde seria. Por isso, eu só escrevia ‘a ilha’ e sempre nos referíamos ao cenário como ‘a ilha’ nas primeiras versões do texto. Aí Phyllida [Lloyd, a diretora] teve a ideia e disse que tinha de ser a Grécia.”

Quando foi apresentada a Benny e Björn, Phyllida estava em ótima fase. Como diretora teatral de Verdi no Royal Opera House e Shakespeare no National Theatre, colecionava críticas positivas. Na opinião dos ex-ABBA, era o nome ideal para o trabalho.

Depois de escrita a história, Catherine e Judy foram até a casa de Björn, próxima a Henley, no sudeste de Londres, e entregaram o texto a ele. A resposta foi “sim”. Nascia o trio das “dínamos”.

“Nossa ideia não era fazer Tchekhov, mas usamos elementos shakespearianos”, explica Judy. “Os três pais, as identidades confundidas... E tem durado tanto assim porque você não precisa ser um fã do ABBA. O musical venceu os céticos e as pessoas que não se veem como fãs do ABBA. Elas se divertem com a história e gostam de ser levadas para uma engraçada aventura nas ilhas gregas”, explica Judy.

“Até aquela data, minha carreira de escritora tinha sido no teatro e um pouco também na televisão”, recorda-se Catherine. “Eu nem era conhecida como autora de peças teatrais. Hesitava em dar um nome ao que eu fazia porque, na verdade, eu não sabia bem o que era. Era uma espécie de drama contemporâneo e questões ligadas a essa área. Acho que a alegria de *Mamma mia!* era tão fora da tendência normal que me fez gargalhar quando tomei conhecimento dela.”

Apesar de a comédia romântica ser toda costurada com base em canções do ABBA, seu enredo, vale frisar, não tem nada a ver com a história pessoal do grupo. “Quando tive a ideia de criar um musical com as canções do ABBA, sentia que a música era muito teatral, como se já tivessem escrito um musical”, explica Judy.

Todas as noites, 18 mil pessoas assistem a *Mamma mia!* ao redor do mundo, inclusive na Broadway. Atualmente, há mais de dez produções diferentes em cartaz. Desde a estreia, em 1999, mais de 24 milhões de pessoas já viram o espetáculo e a peça já rendeu até hoje mais de 2 bilhões de dólares. “Acho que o mundo estava pronto para algo mais leve, engraçado e mais alegre para toda a família”, diz Björn a respeito do sucesso do musical. “Porque nos anos 1980 os musicais eram muito tristes e melancólicos. Era hora de uma comédia. Acho que isso é parte do segredo. Mas há também as músicas, o lindo libreto escrito por Catherine Johnson, tudo isso combinado. As letras conduzem a história. Isso é essencial. Veem-se filmes antigos sobre musicais da Broadway, em que a história em si para por três minutos, e isso é muito irritante. O que essas músicas fizeram é difícil dizer, mas a explicação de Catherine é que elas são pequenas histórias por si sós, e é por isso que podem ser usadas em um musical dessa maneira. Elas vão de A a Z, de certa maneira. Por si sós.”

A revista americana *Entertainment Weekly*, de 2 de novembro de 2001, publicou: “*Mamma mia!* é a irresistível *ópera pop* estrelando 22 canções do ABBA, que poderia bem ser o musical mais arrebatador e deslumbrante a estrear na Broadway desde *A chorus line*. Sucesso absoluto em Londres, nos últimos dois anos, com superproduções em cartaz em Toronto, Boston e Melbourne, *Mamma mia!* já gerou reservas de ingressos antecipados que chegam

a 27 milhões de dólares, o que sugere que deve haver mais fãs do ABBA por aí do que se podia imaginar”.

DO PALCO PARA AS TELONAS

Em 2008, após quase uma década de sucesso no teatro, o musical ganhou sua versão para o cinema. As mesmas Judy, Catherine e Phyllida assumiram a transposição da peça para a telona. “Sentimos que foi muito importante preservar as três porque elas mantiveram a chama da montagem teatral”, explica Gary Goetzman, um dos produtores. “Achamos que daria um grande filme se pudéssemos capturar o tom do que fizemos ao vivo no palco.” Benny confirma: “Eu sei e sinto que as canções são boas, mas sem esse jeito inteligente e humorístico com que foram reunidas, e essas três garotas, isso não teria acontecido”.

O longa, assim como a peça, conta a história de Donna, no cinema vivida por Meryl Streep. Ela é a mãe que nunca soube a real identidade do pai de sua filha Sophie (Amanda Seyfried). A situação muda quando a garota resolve se casar e convida três homens, ex-namorados de sua mãe, com a certeza de que um deles é seu pai: Bill (o ator sueco Stellan Skarsgård), Harry (Colin Firth, de *O discurso do rei*) e Sam (o ex-007 Pierce Brosnan). Enquanto Donna se confronta com seu passado, a filha nutre a esperança de descobrir finalmente qual dos três irá conduzi-la ao altar no dia de seu casamento.

Pierce Brosnan conta: “Toca o telefone certa noite e dizem: ‘Querem você para o ABBA, com Meryl Streep’. Meu pai tinha falecido naquela semana e o nome dele era Bill Carmichael. Fui ver o espetáculo na noite seguinte. Sentei no teatro e me dei conta de que não sabia quem eu interpretaria. Esse cara aparece em cena e diz:

‘Meu nome é Carmichael, Sam Carmichael’. Pensei: só pode ser esse personagem. Foi assim que fiz Sam Carmichael”.

O restante do elenco conta ainda com as presenças de Julie Walters (indicada ao Oscar em 1983 por *O despertar de Rita*, e em 2001 por *Billy Elliot*) e Christine Baranski, respectivamente nos impagáveis papéis de Rosie e Tanya, amigas de Donna.

“Sempre dizíamos que a música era a estrela do espetáculo, mas agora, com o filme, tivemos de dar o braço a torcer com um elenco tão incrível”, orgulha-se Judy Craymer. O produtor Gary Goetzman concorda: “Todos os nossos atores se doaram ao máximo. A energia entre eles e Benny foi simplesmente fantástica. E, no estúdio, deram conta do recado. Não houve dublês de canto, todos cantam suas canções”.

“Por meses só escutei ABBA, dia após dia, no carro, o tempo todo”, conta Pierce Brosnan. “Apreendi tudo o mais rápido possível para pôr na minha voz, porque não se trata apenas de aprender notas”, explica Christine Baranski. “Tem a ver com encaixá-las confortavelmente em sua voz e a voz é como um músculo. Você não sai e começa a dançar uma grande dança sem ensaiar. É o mesmo com o canto.”

O diretor musical Martin Lowe reconhece: “Acho que o que foi ótimo para a parte musical foi que todos apoiaram Benny em seu desejo de que os atores deveriam cantar suas próprias canções. Por ter trabalhado na montagem teatral, eu sei o que se exige dos atores para conseguirem passar por isso. É preciso transmitir com certa bravata e habilidade, porque só passar por isso não é suficiente”. O coreógrafo Anthony Van Laast também relata sua experiência: “De todos os espetáculos que coreografei, *Mamma mia!* talvez tenha sido o mais difícil. Não parece ser um show amplamente coreografado, mas, de fato, cada parte do que parece ser improvisado, livre, com

movimentos espontâneos, foi na verdade muito pensado, desenvolvido e conduz a história”.

Meryl Streep recorda-se muito bem de quando viu *Mamma mia!* pela primeira vez. Era outubro de 2001, um mês depois do atentado terrorista que derrubou as Torres Gêmeas em Nova York. Ela estava em Manhattan com a missão de organizar um passeio para alguns amigos da filha mais nova, Louisa. Acabaram na Broadway. “Todos estavam espiritualmente muito desmotivados depois do 11 de setembro. Pensei: ‘O que é que farei com essas crianças?’”. Então, peguei o grupo, todo ele de crianças de dez anos, para ir ver uma matinê de *Mamma mia!*”, conta a atriz. “Entramos e lá nos sentamos. Elas, meio cabisbaixas. ‘Amuadas’ é a palavra – elas estavam tristes o tempo todo, sabe!? A primeira parte era bem falante e aí *Dancing queen* começou. Durante o restante do espetáculo as crianças ficaram dançando em seus assentos, tão felizes e entusiasmadas! Saímos todos como se flutuássemos. Pensei: ‘Que presente para Nova York neste momento’.” Meryl não perdeu tempo: enviou um bilhete de agradecimento ao elenco.

O recadinho chegou até Judy e Phyllida que, na época, o engavetaram. Talvez, no fundo, elas já vislumbrassem um futuro para *Mamma mia!* no cinema. Elas sabiam que Meryl havia cantado com charme e desenvoltura, ainda que muito brevemente, em *Lembranças de Hollywood* (1990) e *A última noite* (2006). Ou seja: dava para imaginar que Meryl pudesse viver Donna, exatamente o que acabou acontecendo. Benny afirmou que Meryl é “um milagre”. Durante a produção do filme, a atriz foi a Estocolmo para gravar a canção *The winner takes it all* e conseguiu “de primeira”.

“Não é segredo para ninguém que sempre tive vontade de participar de um musical”, contou Meryl durante uma rodada de entre-

vistas promocionais realizada em junho de 2008, em Atenas. “Mas fico rindo à toa de como parecia destinada a estar neste filme, pois eu ouvia e cantava ABBA o tempo todo. Cheguei a dar um berro quando meu empresário, falando de propostas de trabalho, mencionou um musical com músicas do ABBA.”

Benny esteve em Nova York para conhecer Meryl quando ela foi contratada. “Ele sentou-se ao piano, no porão do Lincoln Center”, lembra ela. “Tínhamos conseguido uma sala emprestada.” E passaram todas as canções e todas as tonalidades nas quais ela gostaria de cantar. “Ficamos exultantes depois daquele dia porque ambos soubemos que era perfeitamente possível que a coisa funcionasse”, diz.

Quando adolescente, Meryl chegou a fazer aulas de canto durante dois anos – cogitava tornar-se cantora de ópera. Mas então percebeu que não gostava de ópera, tinha vontade mesmo era de ser outra coisa. “Eu queria ser uma *cheerleader* [animadora de torcida]”, revela. “Mas sempre adorei cantar, não há nada de que eu mais goste.” Do início das gravações, o que mais se lembra é do frio na barriga. “Benny e Björn estavam muito nervosos no primeiro dia, pensando: ‘Ah, meu Deus, essa atriz americana vai estragar todas as canções’”, diverte-se.

No entanto, as críticas ao redor do mundo foram bastante generosas. Na reportagem de capa do “Segundo caderno” do jornal *O Globo*, de 3 de julho de 2008, o repórter Fernando Duarte escreveu: “Por mais que ver os protagonistas masculinos em seu esforço para entoar as canções seja hilário no melhor sentido, o filme pertence a Meryl Streep. Perambulando por cenários paradisíacos da ilha grega de Kalokairi, ela empresta ainda mais emoção a músicas já naturalmente carregadas, como *Dancing queen* e *The winner takes it all*”.

Um dos pontos fortes do musical é a maneira como Catherine quebrou as barreiras entre o palco e o público, tornando a plateia

parte do espetáculo. Ela também teve isso em mente quando começou a trabalhar na versão para o cinema. “Fiquei preocupada, pensando que a coisa fosse ficar meio sem graça”, admite. “Mas o que aconteceu é que, como no cinema há mais espaço para a parte emocional, podemos desenvolver melhor os personagens, com mais tempo. Isso fez com que pudéssemos trazer o subtexto à tona. Como resultado, o público passou a se interessar em saber quem eram aquelas pessoas e o que aconteceria a elas.”

O roteiro (tanto da peça como do filme) foi livremente inspirado em uma comédia americana de 1968, o filme *Noites de amor, dias de confusão*. Dirigido por Melvin Frank, tinha como protagonista a atriz italiana Gina Lollobrigida, chamada nos anos 1950 de “a mulher mais bela do mundo”. O longa conta a história de uma mãe solteira que, todos os meses, recebe pensão de três ex-oficiais do exército americano. Todos eles acreditam ser pais de sua filha, nascida vinte anos antes.

A personagem de Gina, aos 16 anos, morava em uma vila italiana por onde passavam os soldados americanos durante a Segunda Guerra Mundial. Após um breve romance com três militares diferentes, ela fica grávida, escreve aos três, sem saber qual deles é o pai da criança, e passa a receber cheques deles para sua filha, sem que nunca mais tenham se visto. Em confraternização e agradecimento por sobreviverem à guerra, os ex-soldados retornam à vila após vinte anos e a jovem senhora se vê obrigada a encarar os três homens.

Com cenas gravadas na Grécia – como os números de dança de *Does your mother know*, *Lay all your love on me* e *The winner takes it all* – e no estúdio em Londres, *Mamma mia!* tem um belo cenário. “Achávamos que tudo seria feito na Grécia”, revela o produtor executivo Mark Huffam. “Mas quando foram analisadas as condições